

Compilação das comunicações apresentadas no Colóquio

UTOPIA
M I T O S E T R A N S F O R M A S



realizado de 17 a 20 de Janeiro de 1990

Coordenação: Yvette Centeno

em colaboração com o Gabinete de Estudos
de Simbologia da Universidade Nova de Lisboa

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte

acarte

Orientação gráfica: Vítor da Silva

ISBN 972 9032-15-7

Depósito Legal N.º 71 988/93

Printed in Portugal

UTOPIA
MITOS E FORMAS

A UTOPIA
NA LITERATURA FANTÁSTICA:
UM EXEMPLO

MARIA DO ROSÁRIO MONTEIRO
FCSH da Universidade Nova de Lisboa

Modern utopias will have to pay some attention to the lawless and violent lusts of the dreamer, for their foundations will still be in dreamland.

NORTHORP FRYE

A literatura fantástica, nomeadamente a literatura anglo-americana, viu alargado, nas últimas décadas, o seu *corpus* criativo com a (re)descoberta da mitologia e de todo o seu potencial simbólico. Esta revolução deveu-se fundamentalmente a John Ronald Tolkien, o criador da Terra Média (*Middle Earth*). Nascido em 1892 em Bloemfontein, no Estado de Oregon, África do Sul, Tolkien partiu para Inglaterra na companhia da mãe e do irmão, quando contava apenas três anos de idade. À excepção de algumas raras viagens ao estrangeiro, Tolkien viveu a maior parte da sua vida em Oxford, em cuja Universidade se formou em Língua e Literatura Inglesa (1915) e onde mais tarde leccionou como professor de *Old English* (1925-1959). Tolkien faleceu a 2 de Setembro de 1973 em Bournemouth. Tinha então 81 anos de idade.

A criação da Terra Média teve origem na verdadeira paixão que o autor sempre sentiu pela linguística e pela literatura. A primeira levou-o a estudar profundamente várias línguas (o finlandês, o galês, o gótico antigo, para além da língua inglesa, do grego e do latim) e com base em algumas delas inventou códigos linguísticos, na busca da língua perfeita, isto é, da que correspondesse, como ele próprio afirmou ⁽¹⁾ à sua «estética linguística». A segunda levou-o à leitura de contos tradicionais e posteriormente ao estudo das mitologias greco-latina, nórdica e céltica.

⁽¹⁾ Letter n.º 297, «Drafts for a letter to 'Mr. Rang', (Aug. 1967), in Carpenter, Humphrey (ed.) *The Letters of J. R. R. Tolkien*. London: George Allen & Unwin, 1981, pp. 379-387.



Foi enquanto estudante universitário que Tolkien associou ao projecto de «dar vida» às línguas que inventava a vontade de desenvolver um universo poderoso e coerente, comparável ao das mitologias que tinha estudado. Mais tarde, em 1917, iniciou a criação da sua mitologia com um conjunto de narrativas sob o título geral de *The Book of Lost Tales*. Este projecto durou até 1926, ano em que reestruturou todo o plano inicial, começando a escrever *The Silmarillion*.

O trabalho nesta obra foi, no entanto, alternado com a criação de *The Lord of the Rings*, a que se dedicou durante 12 anos, e que veio a ser publicado em três volumes entre 1954 e 1955 ⁽²⁾. As referências que esta trilogia continha a episódios narrados em *The Silmarillion* levou o autor a rever e reorganizar esta obra, tarefa que não chegou a concluir, tendo a narrativa sido editada postumamente por seu filho, Christopher Tolkien, em 1977 ⁽³⁾.

⁽²⁾ Tolkien, J. R. R. *The Lord of the Rings*. London: George Allen and Unwin, 1954 (1984).

⁽³⁾ Tolkien, J. R. R. *The Silmarillion*. (Ed. Christopher Tolkien). London: George Allen & Unwin, 1977 (2nd ed., 1983).

Ao conceber o universo fantástico da Terra Média, Tolkien esforçou-se por o dotar de uma complexidade que o tornasse «real» para o leitor. Para isso era necessário que nesse mundo acontecessem cataclismos e fenómenos naturais, e que os seres que o habitavam tivessem história, lendas e mitos, línguas e culturas diferentes.

Com as suas criações literárias Tolkien abriu à literatura fantástica uma miríade de caminhos e hipóteses criativas antes inexploradas. A literatura fantástica deixou de ter de partir invariavelmente do real para o confronto com o impossível. Agora seria o próprio impossível que se apresentaria como real. Ao leitor, Tolkien propôs a substituição temporária do mundo real por um imaginário (ou Secundário ⁽⁴⁾) como ele o definiu) onde a possibilidade e a impossibilidade existissem sem se excluírem mutuamente.

Para que uma obra deste tipo funcionasse, Tolkien recorreu à sua vasta cultura e profundos conhecimentos das tradições nórdica, céltica e greco-latina, integrando nas suas criações de origem claramente onírica, estruturas simbólicas e arquetípicas comuns aos leitores ocidentais.

Assim, encontramos em *The Lord of the Rings* um mundo fantástico onde predominam as lendas e a história, sendo o *corpus* mítico apenas entrevisto como pertencendo ao passado longínquo desse mundo. Em *The Silmarillion* o leitor encontra os grandes mitos da Terra Média, apresentados numa linguagem propositadamente arcaizada, na tentativa de dar a esta narrativa uma dimensão «Bíblica».

Os paralelos que podemos estabelecer com a tradição cristã são múltiplos, mas não se resumem apenas a esta. As tradições cristã, greco-latina, celta e nórdica estão presentes em toda a obra em constante interrelação, facto que facilmente se comprova no mito cosmogónico, ou no mito do anjo caído, na narração de um dilúvio, etc.

Um dos mitos mais interessantes que encontramos em *The Silmarillion*, e de que nos iremos ocupar especialmente, é o Mito da Atlântida, actualizado na história do afundamento da Ilha de Númenor ⁽⁵⁾. O próprio autor afirmou

⁽⁴⁾ No artigo «On Fairy-Stories» apresentado em 1939 na Universidade de St. Andrew (editado em 1947 por C. S. Lewis *Essays Presented To Charles Williams*. Oxford: Oxford University Press, pp. 38-89) Tolkien expõe as suas concepções sobre a criação, estrutura e funções da literatura fantástica (Tolkien, J. R. R. *The Monsters and the Critics and Other Essays*. London: George Allen & Unwin, 1983, pp. 109-161).

⁽⁵⁾ *The Silmarillion*, «Akallabêth» pp. 309-339. Para ter uma visão mais completa da geografia de Númenor aconselha-se a leitura do capítulo «A Description of the Island of Númenor» in Tolkien, J. R. R. *Unfinished Tales of Númenor and Middle-earth*. (Edited with introduction, commentary, index and maps by Christopher Tolkien) London: George Allen & Unwin, 1980.

em várias cartas ⁽⁶⁾ que este episódio resultava da adaptação e integração do mito grego na sua mitologia fantástica. Porém, uma análise mais cuidada revela que *Akallabêth* é mais do que a simples integração de um mito antigo.

De facto, a passagem onde se narra a criação, desenvolvimento e afundamento de Númenor, e as referências feitas a este episódio em *The Lord of the Rings*, revelam-nos algo de mais complexo do que as afirmações do autor nos deixam supor. Na realidade, estamos perante uma utopia que apesar das referências directas à Atlântida (e indirectas a Platão), não é uma utopia clássica. Contudo, mantém ainda laços firmes com o mito da Idade do Ouro e do Paraíso Perdido. Há, portanto, neste episódio um compromisso entre a Antiguidade e a contemporaneidade extremamente interessante.

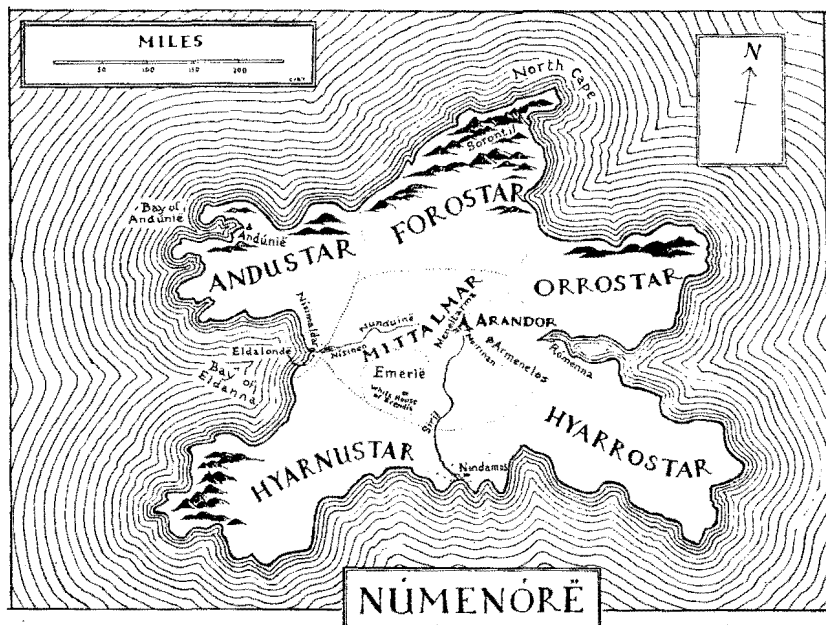
A nossa análise terá dois momentos. Primeiramente veremos como está concebida a utopia e, num segundo momento necessariamente mais breve, como o episódio do afundamento do Númenor fez com que este período da história dos Homens da Terra Média se tornasse num mito da Idade do Ouro e do Paraíso Perdido para as gerações posteriores.

A história de Númenor enquanto utopia é extremamente breve e sintética. Muitas das estratégias seguidas pelas utopias clássicas são ignoradas ou reduzidas à sua finalidade funcional mínima, a fim de evidenciar as estruturas simbólicas. Assim, o estratagema de fazer o narrador chegar a uma ilha desconhecida é aqui completamente ignorado, pois a narrativa encontra-se integrada numa outra que exige a presença de um narrador impessoal, de um narrador de grau zero.

O episódio começa com a criação da ilha pelos deuses (espécie de divindades menores subordinadas a Eru Ilúvatar, o Criador) e da sua oferta a uma casta de Homens, como recompensa pela sua intervenção decisiva nas lutas que envolveram os Elfos e essas divindades contra Melkor (o «Anjo Caído») e as forças do mal. Númenor apresenta-se *ab initio* como terra de eleição, longe do contacto com forças estranhas, um lugar sem passado, mas com um *devoir*.

A ilha que os deuses criaram das profundezas do mar (símbolo da vida e da morte, *alpha* e *omega* de toda a criação) assemelha-se na sua geografia a uma estrela de cinco pontas. Três divindades participaram directamente na sua criação: Ossê, o senhor das águas (divindade que tem como paralelo na mitologia grega Posídon), fez emergir Númenor do mar; Aulê, o artesão-ferreiro (equivalente a Hefesto da mitologia grega), deu-lhe forma e finalmente Yavanna, a deusa da vegetação, dotou a ilha com um clima ameno e enriqueceu a terra tornando-a fértil.

⁽⁶⁾ Carpenter, Humphrey, (ed.) *The Letters of J. R. R. Tolkien*. London: George Allen & Unwin, 1981, pp. 213, 303, 347.



A ilha apresentava uma grande planície central protegida do vento Norte por três complexos montanhosos. No centro da planície erguia-se Meneltarma, o Pilar dos Céus, a montanha que dominava Númenor. O seu cume plano era como que um templo erigido pelos próprios deuses para as celebrações rituais a Ilúvatar. O acesso fazia-se por uma estrada espiralada iniciada no lado Sul, que terminava no lado Norte do planalto. A Este, no sopé da montanha, situava-se Armenelos, a cidade dos Reis, ligada por estrada a Rómenna, o principal porto da ilha.

A descrição da criação de Númenor, a sua geografia e a existência de celebrações rituais ao Deus Criador permitem-nos estabelecer vários paralelos com a Atlântida de Platão, tal como surge descrita nos diálogos *Timeu* e *Critias* ⁽¹⁾. Ambas as ilhas têm uma origem divina e são dedicadas a um Deus (Posídon, no caso da Atlântida, e Ilúvatar no de Númenor). Ambas têm uma forma geométrica centrada (uma circular e a outra decagonal), um subsolo rico e uma terra fértil. Tanto a Atlântida como Númenor possuem uma montanha central onde periodicamente se celebram rituais consagrados ao Deus.

(1) Para este artigo utilizei a seguinte edição das obras de Platão: Platon, *Timeu — Critias, Oeuvres Complètes*. Paris: Societé D'Éditions «Les Belles Lettres», vol X, 1970.

Há ainda uma outra semelhança, esta menos directa, que resulta do tipo de habitantes escolhidos para estes domínios. Na Atlântida eram originalmente os cinco pares de gémeos filhos de Posídon e Clito. Em Númenor os eleitos foram os descendentes das três famílias humanas que se aliaram aos Elfos e aos Deuses na luta contra Melkor. Embora estes Homens não fossem, como acontecia na Atlântida, descendentes de deuses, Eönwë (divindade que podemos comparar ao deus grego Hermes pois, como este, era o mensageiro de Manwë, a primeira divindade depois de Ilúvatar) desceu até junto deles e presenteou-os com poder, sabedoria e com um período de vida mais longo que qualquer outro mortal.

A forma de Númenor, semelhante a uma estrela de cinco pontas, associa de imediato a ilha a um lugar de perfeição, ponto de síntese das forças complementares. O simbolismo da perfeição surge ainda reforçado pela montanha central, em cujo sopé se ergue a cidade dos reis. Lugar de eleição das teofanias, a montanha é o ponto de encontro do céu e da terra e objectivo da ascensão humana ⁽⁸⁾. As práticas religiosas que tinham lugar no planalto e as interdições que orientavam a conduta dos Númeróreans naquele lugar confirmam este simbolismo. Três vezes por ano o rei estabelecia o seu diálogo directo com Deus: no equinócio de Março, que marcava o início do ano, no solistício de Verão e no equinócio de Outono. O percurso desde a base da montanha ao seu cume era realizado a pé por toda a comitiva encabeçada pelo rei. Todos trajavam de branco, a cor dos iniciados, e caminhavam em silêncio, uma vez que toda a iniciação é fundamentalmente um processo interior. Aliás o silêncio era a característica mais marcante do lugar pois, embora o acesso ao planalto fosse livre durante todo o ano a qualquer habitante de Númenor, era sempre observado o mais rigoroso silêncio, quer pelo homem quer pela própria natureza.

O facto de o ritual se realizar três vezes por ano, e não quatro, indicia a perenidade da ilha. Isto é, em relação ao ciclo natural da vida (nascimento, formação, maturidade e declínio), é o último elemento (o declínio) que não tem lugar na ordem divina.

A situação geográfica de Númenor, entre a Terra Média, a Este, e as Terras Imperecíveis ⁽⁹⁾ (nome dado ao arquipélago onde os deuses estabeleceram a

⁽⁸⁾ Chevalier, Jean, Gheerbrant, Alain. *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Robert Laffont/Jupiter, 1982, p. 645.

⁽⁹⁾ As Terras Imperecíveis (*Undying Lands*) eram um arquipélago situado a oeste da Terra Média, constituído por Valinor, o domínio dos Deuses, e Tol Eressëa, a ilha dos Elfos. Na criação deste paraíso, Tolkien foi claramente influenciado pela mitologia celta. As semelhanças são múltiplas, como a liberdade de movimentos concedida aos Elfos, a sua imortalidade e eterna juventude, a proibição de os mortais entrarem naqueles domínios, etc. Tolkien deu inclusivamente o nome de «Avallónë» à cidade mais oriental de Tol Eressëa, a única perceptível, embora com dificuldade, do planalto de Meneltarma.

sua residência) situadas a Oeste, revela ainda a intenção, presente em todas as utopias, de preservar o lugar dos contactos perigosos que pudessem desviar os Homens do caminho da perfeição.

Enquanto que nas utopias clássicas as estruturas se baseiam na cidade-estado, nesta utopia de Tolkien a preocupação dominante é a da procura do equilíbrio do homem com o meio, e consigo próprio. A figura do filósofo legislador foi substituída pela do Rei, símbolo da união dos Filhos de Ilúvatar (isto é, dos Homens e dos Elfos), ou melhor, símbolo de uma *Coincidentia Oppositorum*.

Um outro aspecto que afasta Númenor das utopias tradicionais é a ausência de uma definição rigorosa das estruturas sociais e económicas. A ideia com que o leitor fica é a de estar perante uma sociedade de tipo medieval não feudal. Isto é, a estrutura social teria basicamente uma forma triangular encimada pelo rei que era simultaneamente legislador, juiz e sacerdote (à semelhança dos reis da Atlântida) ⁽¹⁰⁾. Na zona intermédia da pirâmide estaria a nobreza, ou os conselheiros do rei, e na base teríamos os habitantes do campo, os artesãos das cidades e os marinheiros.

Os deuses não se limitaram a presentear os Homens com uma terra de eleição. Definiram também as regras pelas quais se deveriam reger os seus habitantes. Por exemplo, permitiram e mesmo incentivaram os contactos entre os Elfos de Tol Eressëa e os Númenóreans, a fim de que estes pudessem aprender não só a língua mas também as artes de uma cultura claramente mais evoluída. Estabeleceram porém uma interdição — aos Homens nunca seria permitida a entrada nas Terras Imperecíveis (nenhum mortal pode penetrar nos domínios dos deuses), pelo que todos os contactos com os Elfos ocidentais seriam, por assim dizer, unilaterais. Com isto os deuses pretendiam que os Homens caminhassem para a perfeição naquela terra paradisíaca, mas assumindo plenamente, ao mesmo tempo, a sua condição de mortais.

Ao longo de vários séculos os Númenóreans prosperaram e começaram a navegar para a Terra Média. Aí ensinaram os Homens que viviam em barbarie, estabeleceram depois colónias e finalmente criaram um vasto império. A princípio, e à semelhança dos Atlantes ⁽¹¹⁾, o seu poder, sabedoria e riquezas não os tornaram ambiciosos; antes procuravam sempre a virtude e a rectidão. Porém, de geração em geração, o longo período de vida que os Númenóreans inicialmente possuíam foi-se gradualmente reduzindo, e a forma como encaravam a existência também se foi alterando.

⁽¹⁰⁾ *Critias*, 119d.

⁽¹¹⁾ *Critias*, 120e, 121.

Uma utopia tradicional teria o seu epílogo com a descrição da riqueza espiritual e material dos Númenóreans. Mas esta utopia fantástica não termina assim. Se isso acontecesse o leitor moderno sentiria descrença perante tal relato e a «magia» do Mundo Secundário de Tolkien desapareceria.

Todos sabemos que já não é possível conceber sociedades perfeitas, logo estáticas, fechadas. A nossa cultura ocidental caracteriza-se pela dispersão, pela pluralidade e não pela unicidade. Os valores políticos, morais, sociais e económicos da sociedade contemporânea, são valores em crise. O homem está descrente da sua capacidade de controlar as suas próprias criações, sem cercar a sua individualidade. É neste contexto que se entende a afirmação de Robert Elliott:

One man's utopia is another man's nightmare ⁽¹²⁾.

Uma interpretação superficial poder-nos-ia levar a pensar que a literatura fantástica estaria isenta dos problemas enfrentados pela chamada literatura realista e que os universos fantásticos estariam livres dos defeitos ou problemas do mundo real. Uma tal interpretação estaria profundamente errada. A literatura fantástica não é uma literatura de evasão. As suas relações com o real são muito concretas. É sempre da realidade que se parte e é a ela que se chega, mesmo quando é dada preferência à linguagem dos símbolos e dos sonhos.

Destas relações complexas entre o real e a imaginação resulta a inevitabilidade da concepção, em meados do século XX, de uma utopia aberta, pois esta é a única possibilidade deixada à literatura utópica pela evolução da civilização ocidental. A perpetuação de um estado de perfeição é, por assim dizer, contra natura.

As utopias modernas, para serem minimamente plausíveis têm de obrigatoriamente conceber a evolução como um percurso pela sombra e pela luz, alternadamente. Por outras palavras, toda a utopia encerrará em si mesma a sua própria contra-utopia.

Regressando ao caso concreto de Númenor, vemos que é na sua génese que encontramos os elementos que levaram ao desequilíbrio e conseqüente destruição da utopia. Quando os deuses permitiram que os Homens comunicassem com os Elfos, estabelecessem contactos com uma sociedade diferente e, ao mesmo tempo, limitaram esses contactos tornando-os unilaterais, abriram, com esta atitude, como que uma fenda no equilíbrio inicial.

Todas as interdições prenunciam uma falta. Por isso, quando os Homens de Númenor atingiram o auge da sua riqueza e poder, quando os limites natu-

⁽¹²⁾ Elliott, Robert C. *The Shape of Utopia: Studies in a Literary Genre*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970, p. 87.

rais deixaram de ser barreiras, a falta e consequente queda tornou-se iminente. O equilíbrio psíquico perdeu-se com a inflação da consciência. É então que nasce, no espírito dos Homens, a dúvida sobre a legitimidade da interdição de navegar para Oeste. E, quando a dúvida surge, o pacto entre os deuses e os primeiros Númenóreans perde o seu valor.

Em última análise, ao permitirem a evolução, os deuses condenaram os Homens à destruição. Esta concretiza-se quando uma armada parte para Valinor à conquista da imortalidade. Númenor é então submergida pelas águas de onde tinha sido criada, como que numa obediência ao ciclo natural, e a forma do mundo é alterada. A terra antes plana torna-se esférica, condenando o Homem ao seu perímetro e as Terras Imperecíveis ficam para sempre no mundo exterior, inacessíveis aos Mortais.

A descrição que Tolkien faz do desaparecimento de Númenor tem, sem dúvida, como influência directa o episódio do afundamento da Atlântida narrado em *Timeu* ⁽¹³⁾. Mas Tolkien completa, de certa forma, o que ficou incompleto nos diálogos platónicos, tal como chegaram aos nossos dias. Assim, a transformação da forma do mundo deveu-se à intervenção directa de Ilúvatar, que deste modo castiga os Homens pela sua falta, ao mesmo tempo que os obriga a assumirem definitivamente a sua mortalidade.

De Númenor restará a memória na mente dos que se salvaram. Estes serão os eternos exilados, irremediavelmente insatisfeitos com a sua sorte, saudosos de um estado de graça.

Entretanto a memória da ilha utópica sofrerá a evolução do tempo e séculos mais tarde, no final da Terceira Era, ela será já um mito — o mito da Idade do Ouro, daquele breve momento em que o Homem viveu em comunhão com os deuses, antes de iniciar o ciclo descendente da sua vida, o seu caminho na e para a imperfeição.

Resta-me, agora, tecer algumas considerações sobre as relações entre a utopia e a literatura fantástica. Ao longo das investigações algumas questões prenderam a minha atenção. Por exemplo:

- De que forma a utopia e a literatura fantástica se condicionam mutuamente?
- Em que medida as características da utopia de Númenor são ditadas pelo género fantástico, ou pela situação actual do romance utópico em geral?

⁽¹³⁾ *Timeu*, 25c-d. No final de *Critias* (*Critias*, 121-121c), Platão sugere a iminência do desastre descrito em *Timeu*.

Penso poder concluir que não são importantes, não são estruturais as alterações que a associação dos dois géneros numa mesma obra impõe. Se a literatura fantástica não se compadece com exaustivas análises socio-económicas, a utopia pode efectivamente sobreviver sem elas. Por outro lado, a inevitabilidade da construção de uma estrutura utópica aberta, é uma realidade imposta não pelo género fantástico, mas principalmente pela realidade contemporânea.

E será que o futuro da utopia não depende precisamente de uma aliança equilibrada entre a consciência normativa e o inconsciente livre?

Janeiro, 90

LISTA DE OBRAS CONSULTADAS

- CARPENTER, HUMPHREY, J. R. R. *Tolkien: A Biography*. London: Unwin Paperbacks, 1978.
- CARPENTER, HUMPHREY (ed.). *The Letters of J. R. R. Tolkien*. London: George Allen & Unwin, 1981.
- CHEVALIER, JEAN & GHEERBRANT, Alain. *Dictionnaire des Symboles*. Paris: Robert Lafont/Jupiter S. A., 1982.
- CHRISTINGER, RAYMOND. *Le Voyage dans L'Imaginaire*. Paris: Editions Stock, 1981.
- ELLIOTT, ROBERT. *The Shape of Utopia: Studies in a Literary Genre*. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.
- FOSTER, ROBERT. *The Complete Guide to Middle-Earth*. London: Unwin Paperbacks, 1978.
- KUMAR, KRISHAM. *Utopia and Anti-Utopia in Modern Times*. Oxford: Basil Blackwell, 1987.
- MANUEL, F. *Utopias and Utopian Thought*. London: Souvenir Press, 1973.
- MANUEL, FRANK & FRITZIE. *Utopian Thought in Western World*. Oxford: Basil Blackwell, 1979.
- MOLNAR, THOMAS. *L'Utopie Eternelle Heresie*. Paris: Editions Beauchesne, 1973.
- NOEL, RUTH. *The Mythology of Middle-Earth*. London: Thames & Hudson, 1977.
- O'NEILL, TIMOTHY. *The Individuated Hobbit: Jung, Tolkien and the Archetypes of Middle-Earth*. London: Thames & Hudson, 1980.
- RABKIN, ERIC. *The Fantastic in Literature*. Princeton: Princeton University Press, 1977.
- RUPPERT, PETER. *Reader in a Strange Land; The Activity Reading Literary Utopias*. Athens (USA): University of Georgia Press, 1986.
- SCHLOBIN, ROGER, (ed.). *The Aesthetics of Fantasy Literature and Art*. Notre Dame (Indiana): University of Notre Dame Press, 1982.
- SERVIER, JEAN. *Histoire de L'utopie*. Paris: Gallimard, 1979.
- TOLKIEN, J. R. R. *The Lord of the Rings*. London: Unwin Paperbacks, 3 vols., 1981.
- *The Monsters and the Critics and Other Essays*. (Edited Christopher Tolkien) London: George Allen & Unwin, 1983.
- *The Silmarillion*. (Edited. Christopher Tolkien) London: Unwin Paperbacks, 1983.
- *Unfinished Tales*. (Edited. Christopher Tolkien) London: Unwin Paperbacks, 1982.
- *Pictures by J. R. R. Tolkien*. London: George Allen & Unwin, 1979.
- TROUSSON, RAYMOND. *Voyage aux Pays de Nulle Part*. Bruxelles: Editions de l'Université de Bruxelles, 1979.